

**A consciência de classe e histórica do proletariado
em Marx: uma análise de o 18 de Brumário de Luís
Bonaparte (1848-1851)**

The class and historical Consciousness of the proletariat in Marx: an
analysis of the Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte (1848-1851)

*Jeane Carla Tavares e Silva*¹

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail:
jeanecarlatavares@live.com.

RESUMO

Este artigo analisa a obra O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, de Karl Marx, sob a perspectiva da consciência de classe e histórica do proletariado francês entre 1848 e 1851. A partir da concepção materialista e da análise de obras de Marx e de Friedrich Engels, evidencia-se como a luta de classes estrutura os conflitos históricos do período e como a consciência do proletariado, ainda moldada pela ideologia burguesa, não conseguiu se constituir como força revolucionária para conquistar sua emancipação. O texto expõe a tensão entre as condições materiais dadas e a possibilidade de uma nova consciência histórica capaz de impulsionar a transformação social no 18 de Brumário. A derrota do proletariado e a ascensão de Luís Bonaparte revelam os limites da ação revolucionária diante de uma consciência de classe ainda embrionária. Por fim, o artigo demonstra que a História, em Marx, é um processo dialético que articula presente, passado e futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Karl Marx; O 18 de Brumário; consciência histórica; luta de classes e proletariado.

ABSTRACT

The present article analyses The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte, written by Karl Marx, from the historical French proletarian consciousness class from 1848 to 1851. From the materialistic concept and from the analysis of Marx's and Friedrich Engel's works, it is noticeable how social class struggles build historical conflicts from this period and how the proletarian consciousness, yet still modelled by the bourgeois ideology, could not build a revolutionary force to overthrow its emancipation. The text reveals the tension between the material conditions placed and the possibilities of a new historical consciousness capable of elevating the eighteenth Brumaire social transformation. The proletarian's defeat and Louis Bonaparte's ascent expose the limits of the revolutionary acts in face of an embryonic class-consciousness. Lastly, the article reveals that History, through a Marx, is a dialectic process in which present, past and future are related.

KEYWORDS: Karl Marx; The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte; historical consciousness; class struggle and proletarian.

A luta de classes e o cenário político na França de 1848 a 1851

O 18 de Brumário de Luís Bonaparte oferece uma profunda análise das contradições que permearam os desdobramentos históricos na França dos anos 1848 a 1851. No texto Marx concebe a cena política da França por meio da luta de classes daquele momento. Ao explorar esse período crucial, Marx destaca as complexas interações entre as classes sociais, os movimentos políticos e as transformações econômicas, revelando contradições intrínsecas que moldaram a trajetória da História francesa. No decorrer da obra, o autor analisa as classes sociais envolvidas na época, como, por exemplo, a grande burguesia, a pequena burguesia, o proletariado, o lumpemproletariado e o campesinato, e as suas representações de classe no campo político, a saber: o Partido da Ordem, o Partido Republicano, a Social-democracia e o Exército.

Ao fazer um prefácio à 3ª edição da obra em 1885, Engels havia dito que este trabalho “genial” não havia perdido em nada a sua relevância, e que “essa compreensão eminente da história viva em curso, essa clarividência em relação aos fatos no momento em que ocorrem, é de fato ímpar” (Engels, 20011, p. 21). Engels também assinala que em nenhum momento Marx fora surpreendido pelos acontecimentos que resultaram no golpe de Estado de Luís Bonaparte, pois estudara a história francesa, o passado e o presente como nenhum outro. Entretanto, o impacto da obra e sua análise precisa da luta de classes na França no período de fevereiro de 1848 a dezembro de 1851, só foi possível porque Marx estava dotado da concepção materialista da história, que Engels resumiu da seguinte maneira:

Marx foi o primeiro a descobrir a grande lei do movimento da história, a lei segundo a qual todas as lutas históricas travadas no âmbito político, religioso, filosófico ou qualquer outro

campo ideológico são de fato apenas a expressão mais ou menos nítida de lutas entre classe sociais, a lei segundo a qual a existência e, portanto, também as colisões entre essas classes são condicionadas, por sua vez, pelo grau de desenvolvimento da sua condição econômica, pelo modo de sua produção e pelo modo do seu intercâmbio condicionado pelo modo de produção (Engels, 2011, p.22).

A questão de classe estava tão presente nesses acontecimentos, principalmente na Revolução de Fevereiro, que ninguém menos suspeito que o conservador Alexis de Tocqueville havia dito que o caráter da Revolução de Fevereiro havia sido “único e exclusivo” popular e que havia dado a onipotência ao povo propriamente dito, ou seja, “às classes que trabalham com as mãos, sobre todas as outras”; comparando com as outras revoluções na França ele nos dirá que “a Revolução de Fevereiro, ao contrário (das outras revoluções) parecia feita inteiramente à margem da burguesia, e contra ela”, e que tal como Marx caracterizara, o caráter essencial da Revolução de Fevereiro foi socialista. “O Socialismo permanecerá como o caráter essencial e a lembrança mais temível da Revolução de Fevereiro. De longe, a república só aparecerá como um meio, não como um fim” (Tocqueville, 2011, pp. 112-117). O caráter de classe e socialista desta revolução foi tão impactante que “por alguns dias, houve dúvidas sobre se a bandeira seria tricolor ou a faixa vermelha da revolta social” (Hobsbawm, 1996, p.37).

Na intenção de compreender o momento histórico em questão, Marx elevou o entendimento sobre como os indivíduos construíram a sua História. Em outros termos, ele parte da tensão entre a influência das próprias circunstâncias dadas do passado, a possibilidade de ação dos homens ao fazerem a História no presente e no futuro.

O objetivo desse artigo é compreender como o proletariado pode interpretar a História a partir do seu ponto de vista, isto é, do seu interesse material e espiritual. Isso posto, apreender a História é assimilar como os

indivíduos construíram a sua própria História e como esta também construiu os sujeitos a partir de uma tensão entre o dado e o possível.

A consciência histórica e a possibilidade de transformação social

Antes de adentrarmos na análise de classe e histórica presente no 18 Brumário, queremos pontuar um tema muito caro nos escritos de Marx, para assimilar como a História é desenvolvida, o tema da consciência. Na *Ideologia Alemã*, Marx e Engels dizem que a vida determina a consciência. Os homens, em processo de desenvolvimento de sua produção e de seu intercâmbio material, transformam assim a sua realidade e o seu pensar. Nesse sentido, a consciência parte do desenvolvimento da realidade a partir de determinadas condições do presente (MARX ; ENGELS, 2007, p. 94). Com isso, ao passo que os homens vão construindo sua História, este também desenvolve sua consciência. Ela é peça fundamental no processo de reinterpretar a História, visto que ela é moldada pelos interesses econômicos da classe dominante com o propósito de manter a sociedade no domínio dessa classe.

A possibilidade de uma nova consciência para reinterpretar a História emerge da compreensão das relações de classe e dos interesses econômicos que moldam a sociedade. Ao romper com a visão dominante herdada da classe dominante, o proletariado pode reconhecer as distorções históricas e buscar uma compreensão mais completa dos eventos passados a partir do ponto de vista do proletariado. Essa nova consciência é impulsionada pela percepção da História como um processo dinâmico de luta de classes e mudança social, incentivando os indivíduos a reconhecerem seu papel ativo na transformação da sociedade. No entanto, essa reinterpretação não ocorre de forma isolada, mas sim como parte do desenvolvimento histórico das condições materiais e suas forças produtivas, como bem observou Cohen (2013, pp. 61-64) e da própria

consciência de classe, destacando a importância do contexto histórico na formação dessa nova compreensão.

Marx discute a relação contraditória entre consciência e movimento histórico no 18 de Brumário de Luís Bonaparte, levando em consideração a existência de uma tensão entre dado e possível na História, postos na relação contraditória. Pode-se perceber já no início do texto essa relação contraditória. A Revolução de Fevereiro, conforme Marx, foi um atropelo que pegou de surpresa a antiga sociedade.

Nesse momento, o proletariado tinha em suas mãos a oportunidade de realizar uma revolução socialista. No entanto, de acordo com Marx, o proletariado “pareceu ter recuado a um momento anterior ao seu ponto de partida; na verdade ela ainda precisava criar para si mesmo o ponto de partida revolucionário” (MARX, 2011, p. 29), uma vez que em Fevereiro o proletariado não tinha conquistado o novo conteúdo revolucionário para possibilitar a transformação social. Aqui nota-se concretamente a tensão entre o dado histórico e a possibilidade de transformação social, momento crucial para que o proletariado alcance seu papel histórico, rompendo com a visão de História herdada pela burguesia e formando sua própria concepção de História revolucionária.

Mesmo que as condições materiais da revolução socialista no Período de Fevereiro estivessem propícias para a tomada de poder, o proletariado ainda estava preso a conteúdos velhos. Diante disso, Marx diz:

A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando aparecem estar empenhados em transformar a si mesmo e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, o seu figurino, a fim de representar, com essa roupagem tradicional, as novas cenas da história mundial (MARX, 2011,

p.25)

Em outras palavras, as condições materiais da revolução, mesmo existindo em Fevereiro, não levou à formação de uma nova consciência da classe operária. Desse modo, não há uma determinação direta da existência das condições materiais postas para a revolução com o surgimento de uma consciência crítica do operariado. No período em questão, o proletariado ficou preso à consciência dos mortos, de acordo com Marx, isto é, aos conteúdos das revoluções passadas, não para glorificar suas novas lutas, mas para justificar a atual situação vivida. Assim, Marx afirma (2011, p.27-28) o que rondou de 1848 a 1851 foi o fantasma da antiga revolução, uma vez que acreditava-se ter obtido a força motriz necessária para avançar com maior celeridade, de repente se vê arremessado de volta a uma época extinta, ressurgindo os velhos elementos, nomes e a velha contagem de tempo. No entanto, o ponto de partida para a vitória do proletariado deveria ser a conquista de um novo conteúdo social, no qual se desenvolvesse uma consciência crítica e, em consequência, priorizasse-se a importância da revolução socialista partindo das condições sociais de 1848, sem recorrer a reminiscências do passado com o intuito de justificar a possibilidade da revolução no presente.

A ideologia burguesa como impedimento de transformação social

O fato de o proletariado não consolidar o seu conteúdo revolucionário faz com que a burguesia saia ganhando e continue a dominar o proletariado. A burguesia, em circunstâncias de crise e instabilidade política, intensifica a sua dominação ideológica em relação ao proletariado, uma vez que ela não tem interesse que um período revolucionário se abra. A classe dominante utiliza-se de ideias e de conceitos do passado para justificar a sua posição política no

presente, e isso inclui a apropriação de símbolos, ideais e eventos históricos para legitimar seu domínio sobre o proletariado. Em razão disso, a burguesia consegue manter seu controle sobre o trabalhador, desviando a atenção dele das questões fundamentais de seu tempo e explorando divisões dentro do movimento proletário. Marx argumenta que essa manipulação ideológica é facilitada pelo fato de que o proletariado muitas vezes não consegue articular e avançar seus próprios interesses revolucionários de forma clara e unificada. Ele observa que, ao permanecer preso aos "mortos", isto é, às ideias e práticas que já não servem mais aos interesses do proletariado, este último permite que a burguesia continue a dominá-lo.

Assim, o proletariado está submetido a uma dominação material e intelectual, como parte de uma alienação, visto que a consciência dele é constantemente fragmentada no capitalismo, o que dificulta a possibilidade dele construir o seu novo conteúdo revolucionário. Nesse sentido, houve um recuo ao ponto anterior de partida da Revolução de Fevereiro, porque não houve a compreensão da situação revolucionária presente e das relações das condições singulares para realizar a revolução. Aqui, nota-se uma contradição entre o movimento histórico, que parecia acenar para uma revolução social com o operariado à frente, e o nível de consciência do proletariado, que não possibilitou a ruptura com a ordem imposta, uma vez que não conseguiu dar um conteúdo novo para a insurreição que estava construindo. E isso aconteceu pois o proletariado não conseguiu se desvencilhar da visão de História dada pela burguesia e escrever sua própria História. Nas circunstâncias dadas do proletariado, este não conseguiu superar essa contradição do fato histórico e da consciência ainda presa aos ideais burgueses. Marx demonstra como a consciência das massas é moldada e influenciada pelos interesses das classes dominantes. Diante disso, Marx aponta que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material

dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX, 2007, p. 47).

Um exemplo claro dessa manipulação pode ser visto na forma como as diferentes facções burguesas exploraram e aprofundam as divisões entre a classe trabalhadora para promover seus próprios interesses. Por exemplo, durante o período que antecedeu o golpe de Estado de Luís Bonaparte, várias forças políticas burguesas exploraram as tensões entre os diferentes grupos proletários, como os trabalhadores urbanos e os camponeses, para promover seus interesses políticos e econômicos.

O 18 de Brumário oferece uma análise penetrante das complexas interações entre movimento histórico e consciência das massas. Ele destaca a importância de compreender como as relações de classe, a luta política e os interesses econômicos moldam a consciência coletiva e influenciam o curso da História. Essa compreensão é essencial para aqueles que buscam reinterpretar a História de uma perspectiva crítica e emancipatória.

Marx também destaca a importância dos homens no processo de assimilação e elaboração de sua própria História, contudo ele acrescenta que tal História não é feita absolutamente livre e espontânea, uma vez que os homens não escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas que estas lhes foram transmitidas ao longo da História (MARX, 2011, p. 25). É importante compreender essa frase na perspectiva dialética, isto é, apreendida na contradição entre o dado (passado) e o possível (futuro) operando conjuntamente. A origem do presente histórico encontra-se no passado, mas esse passado não determina o presente e/ou futuro. A interpretação do passado e a ação do presente são influenciadas pelas condições sociais e pelas lutas de classe em curso. Assim, a ação desempenha um papel crucial na interpretação do passado e na formação do presente histórico.

A consciência histórica do proletariado francês de 1848 a 1851

A questão colocada acima pode ser analisada durante o Período de 1848 a 1851 na França, a saber: a tentativa fracassada da classe operária de realizar a revolução. Marx diz que “a tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos” (MARX, 2011, p.25). Nessa circunstância, o que se coloca é que em época de revoluções, os espíritos do passado são conjurados para os dias atuais, por intermédio de seus nomes e figurinos, com o intuito de representar uma cena nova da História.

No entanto, os espíritos conjurados no passado não representam uma nova cena na História para o proletariado em sua consciência. Marx elucida que pode ser perigoso para o movimento operário retornar ao passado em Fevereiro, pois a consciência do proletariado ficaria contida no conteúdo dos momentos históricos do passado sem conseguir desenvolver sua nova perspectiva a partir das circunstâncias do Período de 1848.

Esse movimento que faz o proletariado no Período revolucionário é prejudicial, pois não ajuda a compreender as circunstâncias próprias de Fevereiro, assim como não supera as condições do presente. Ao invocar figuras do passado para referir-se ao presente, como se a História fosse desenvolvida em uma perspectiva de causa e efeito, a burguesia faz com que o proletariado não compreenda o que está em jogo, no atual Período, a possibilidade da revolução socialista. E, em consequência disso, as revoluções proletárias do século XIX encontram-se em constante autocrítica, interrompem continuamente sua própria marcha, retomam ao que aparentemente conseguiram realizar para começar tudo de novo (MARX, 2011, p. 30).

Portanto, adotar uma abordagem crítica é crucial para que o proletariado desenvolva uma nova consciência revolucionária. Isso implica não apenas compreender as condições presentes de forma precisa, mas também agir de

acordo com essa compreensão, a fim de transformar a realidade. A compreensão do presente é essencial para que o proletariado possa identificar suas verdadeiras condições de exploração e opressão, bem como as possibilidades e desafios específicos que enfrentam em sua luta pela emancipação.

Diante disso, Marx defende que “só é possível conquistar a libertação real no mundo real e pelo emprego dos meios reais” (MARX, 2007, p. 29). Ao fazer isso, o proletariado pode transcender a velha consciência burguesa e emergir com uma consciência revolucionária que seja verdadeiramente reflexiva de suas próprias necessidades históricas.

Para que ocorra esse movimento, o proletariado deve desenvolver uma nova consciência, a qual deve se voltar para as condições do presente e não ficar aprisionada às condições do passado. A representação antiga não permite criar uma cena nova na História, visto que ela não leva em consideração o presente histórico e as necessidades atuais do proletariado.

O movimento operário deve ser capaz de desenvolver uma análise crítica das condições presentes e buscar condições que sejam relevantes e eficazes para alcançar seus objetivos revolucionários. É fundamental que o movimento operário compreenda as condições econômicas e sociais do presente. Isso envolve entender as relações de produção capitalistas, as formas de exploração e opressão enfrentadas pelos trabalhadores e as contradições fundamentais do sistema.

Em vista disso, manter a classe operária com a consciência atrasada é fundamental para a burguesia, pois não permite que o proletariado se desvencilhe da sua situação de exploração e pressão, facilitando a dominação dele. Com isso, a farsa ou o teatro - na expressão de Tocqueville- produzidos no Período de 1848 só interessa a burguesia, que não tem nenhum interesse na transformação social realizada pelo operário. E isso foi exatamente o que

aconteceu durante a revolução do proletariado em fevereiro de 1848 e ao longo do Período de 1848 a 1851 na França. O proletariado se vê alcançando a república social, ao mesmo tempo em que se vê arremessado a voltar ao passado pela burguesia, ressurgindo os velhos elementos e nomes. Portanto, Marx afirma “não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução do século XIX pode colher a sua poesia” (MARX, 2011, p. 28).

A revolução proletária só pode se concretizar plenamente quando o movimento operário estiver totalmente desprovido de superstições e ilusões herdadas do passado. Portanto, antes de iniciar qualquer movimento revolucionário, é necessário que o proletariado se liberte de toda ideologia burguesa e esteja completamente desperto para a sua própria realidade e para as possibilidades de transformação social.

Essa compreensão é crucial para garantir que a revolução proletária seja genuína e bem-sucedida, ao invés de ser apenas mais uma repetição das estruturas de poder existentes. Por isso, é necessário deixar que os mortos enterrem os seus mortos para chegar ao seu próprio conteúdo (MARX, 2011, p. 29).

A apropriação da história por parte da ideologia burguesa e a consciência do proletariado

Aqui é importante frisar que as revoluções burguesas do século XIX recorriam às reminiscências do passado para desencadear e erigir a sociedade burguesa diante de seus interesses econômicos e políticos. Apesar disso, uma vez erigida a nova forma social, a burguesia desenvolveu os seus verdadeiros representantes e porta-vozes. Contudo, esta classe, ao erigir a nova forma social, desaparece com os figurinos e personagens do passado, como, por exemplo, Brutos e Gracos, e gera seus verdadeiros representantes, a saber, Cousins e Says.

Mais uma vez erigida a nova forma social, desaparecem os colossos antediluvianos e o romanismo que com eles havia ressurgido – os Brutus, Gracos, Públicolas, os tribunos, os senadores e o próprio César. Em sua sóbria realidade, a sociedade burguesa havia gerado os seus verdadeiros intérpretes e porta-vozes: os Says, Cousins, Royer-Collards, Benjamin Constants e Guizots. (MARX, 2011, p. 26).

Não é sem propósito que esta classe retoma figuras e eventos do passado, pois recorre do passado para legitimar seu poder no presente, a burguesia adota uma visão distorcida da História, que pode ser seletiva e ideologicamente motivada. Isso resulta em uma compreensão fora do tempo histórico, onde os eventos do passado são distorcidos como eventos eternos diante dos interesses da classe dominante.

Essa ideia, defendida pela classe dominante de que o passado pode justificar o presente, implica uma visão estática da História, a qual ignora as mudanças nas condições sociais, econômicas e políticas ao longo do tempo. A burguesia, ao insistir que a ordem social atual é natural e inevitável com base em eventos passados, perpetua a ilusão de uma verdade transcendental e atemporal da História, que serve aos seus próprios interesses de classe como justificativa da necessidade das relações que a favorecem.

Essa visão de uma verdade histórica fora do tempo histórico não apenas neutraliza a História, ao distorcer e manipular sua interpretação, mas também mina qualquer tentativa de transformação social significativa, apresentando uma versão da História que legitima autoridade da burguesia e suprime a tentativa do proletariado de ressignificar a História.

Todo um povo que por meio da revolução acreditava ter obtido a força motriz necessária para avançar com maior celeridade, de repente se vê arremessado de volta a uma época extinta e, para que não pare nenhuma dúvida quanto ao retrocesso sofrido,

ressurgem os velhos elementos, a velha contagem do tempo, os velhos nomes, os velhos editais que já haviam sido transferidos ao campo de erudição antiquária e os velhos verdugos que pareciam ter-se decomposto há muito tempo (Marx, 2001, pp. 27-28)

Outro ponto importante seria referenciar as ideias e tradições do passado para mobilizar apoio popular. Ao conectar suas demandas às aspirações históricas e culturais das massas, os líderes das revoluções burguesas podiam ganhar o apoio de uma ampla variedade de grupos sociais, incluindo trabalhadores urbanos, camponeses e outros setores da população. Isso ajudava a burguesia a apresentar-se como herdeira e defensora de tradições de lutas históricas. Por outro lado, é importante notar que as revoluções burguesas não visavam uma ruptura completa com todas as tradições do passado, elas buscavam preservar certas estruturas sociais que eram consideradas benéficas para o desenvolvimento do capitalismo, como a propriedade privada e o livre mercado. Ao recorrer a ideias e tradições do passado, as revoluções burguesas também podiam servir para preservar e adaptar certos aspectos da ordem social existente às necessidades da ascensão da burguesia ao poder.

Após a classe burguesa consolidar o seu domínio econômico e ideológico, coloca os seus verdadeiros representantes como porta-vozes do processo histórico. Os quais protegem e promovem os interesses econômicos e políticos da classe burguesa. Isso inclui a defesa da propriedade privada e a promoção de políticas que beneficiem a acumulação de capital.

À vista disso, a consciência não é algo que emerge de maneira puramente individual, mas é influenciada pelos interesses, valores e relações de classe presentes na sociedade. Isso quer dizer que a consciência é marcada socialmente e moldada por interesses de classe. Marx também argumenta que as diferentes classes sociais têm interesses distintos e conflitantes, o que se reflete nas formas de representação e nos discursos produzidos por essas classes. As formas de

representação — como a arte, a religião, a política, a cultura, a ideologia em geral — não são neutras, mas são moldadas pelos interesses e pela visão de mundo das classes dominantes. Desse modo, Marx compreende que

[...] Realmente, toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas. (MARX; ENGELS, 2007, p. 98)

Diante disso, fica claro como a burguesia consegue utilizar do passado histórico para justificar os seus interesses de classe e consolidar sua dominação. Ela se apropria de símbolos e eventos do passado, reinterpretando-os de maneira a promover sua própria imagem e a legitimar suas ações, mesmo que isso implique distorcer a verdade histórica. Não há dúvidas de que a tradição e as ideias do passado exercem uma influência sobre a consciência das pessoas no presente, mas também os sujeitos interpretam e reinterpretem o passado de acordo com os seus interesses de classes presentes e as condições sociais em que se encontram.

Nesse ponto, Marx mostra como a burguesia e o proletariado interpretaram o passado a partir da Revolução Francesa com o intuito de formular suas ações no presente. A burguesia, durante todo o percurso de 1848 a 1851, glorificou a Revolução Francesa. Ela destacou sobremaneira a figura de Napoleão Bonaparte como um herói nacional, mas esconde os aspectos de maior distensão social da revolução de 1799. Essa atitude serve para consolidar seu poder de classe e legitimar suas reivindicações políticas.

A burguesia, como classe social dominante, quando se apropria da História o faz de modo a apresentá-la como causalidade, evolução e progresso necessário, como tentou demonstrar Kant (1724-1804) em sua Filosofia da

História na obra “Ideia de uma História Universal de um ponto de um ponto de vista Cosmopolita” (1986)². Kant escreve no momento do Iluminismo, Período em que a burguesia está estabelecendo seus princípios e valores que ajudarão a consolidar a estrutura capitalista. Nesse texto, o filósofo converge com os ideais da burguesia e apresenta uma concepção de História alinhada com a classe dominante, apresentando as noções de causalidade, evolução e progresso ligadas à História.

Kant argumentava que, embora os seres humanos possam cometer erros e retroceder temporariamente em seu progresso moral, a tendência geral da história é em direção ao aprimoramento moral e ao avanço da civilização. A classe burguesa identifica em Luís Bonaparte a figura de Napoleão Bonaparte de maneira a evidenciar uma inevitável evolução da História em direção à sua própria ascensão. Ela apresenta a ascensão de Luís Bonaparte como um desfecho de progresso benéfico da Revolução, ignorando os conflitos de classe e os interesses populares que estiveram envolvidos nesse processo.

No Período de Fevereiro, os eventos históricos são marcados por contradições, conflitos e reviravoltas imprevisíveis, que divergem com a ideia de progresso moral inevitável, uma vez que reconhece a complexidade e a contingência dos acontecimentos, muitas vezes marcados por retrocessos e contradições, em vez de um avanço linear para o progresso humano.

Sob esses aspectos, a visão de História construída pela burguesia é conservadora. Isso porque, ao interpretar a História como uma série de eventos que seguem uma lógica causal, a burguesia procura naturalizar sua própria dominação e marginalizar quaisquer formas de alternativas revolucionárias. Assim reforça-se sua posição de poder ao apresentar seu domínio como algo

² O intuito de retratar a obra de Kant é o de exemplificar como a burguesia e seus teóricos desenvolveram uma ideia de História que corroborou com a concepção de uma História com um curso regular pré-estabelecido pelas leis naturais. Tal visão contrapõe a perspectiva de História aqui analisada.

inevitável e até mesmo desejável, perpetuando a necessária ordem social existente.

A burguesia, sendo a classe dominante, influencia como o proletariado se apropria da História, uma vez que a consciência de uma época é formada pela classe dominante do momento histórico. Na sociedade capitalista, em que a burguesia detém o poder econômico e político, sua visão de mundo, seus valores e seus interesses tendem a se tornar hegemônicos e a moldar a História. A classe burguesa exerce uma influência profunda sobre a maneira como o proletariado se apropria da História, moldando sua consciência e sua compreensão das relações de classe e das possibilidades de mudança social.

Essa concepção de História, herdada da burguesia, faz com que o proletariado fique estagnado e não avance na luta pela transformação da sociedade, uma vez que se a História é uma sucessão de fatos inevitáveis e determinados, não haveria motivos para transformar a realidade existente. É explícito que essa visão de História é disfuncional para o proletariado, pois amortece a luta de classe e as contradições de classes, fazendo com que a burguesia siga com o seu domínio.

A classe dominada precisa superar a contradição entre o dado e o possível para construir sua visão de História revolucionária, e para isso, é preciso forjar a revolução socialista.

A fragmentação da consciência do proletariado e a dominação burguesa no Período de Fevereiro

O Período de Fevereiro de 1848³ é definido por Marx como “um atropelamento que pegou de surpresa a antiga sociedade, e o povo proclamou

³ O Período de Fevereiro representou um momento de grande agitação política na França. Esse momento se refere especificamente ao Período da Revolução de Fevereiro de 1848 em Paris, que resultou na queda da monarquia de Luís Felipe e na proclamação da Segunda

esse ataque-surpresa como um feito que teria inaugurado uma nova era na História Mundial” (MARX, 2011, p.29). Além disso, este período revela uma contradição crucial, na qual a classe operária, inicialmente ativa no movimento de queda da monarquia, se vê isolada à medida que outras classes sociais temporariamente se unem.

A ascensão de Bonaparte, resultado desse isolamento, ilustra a complexidade das alianças temporárias e o desencadeamento de eventos imprevistos. Fevereiro destaca-se pela deposição de Luís Felipe e pelo protagonismo do movimento operário nesse processo, o qual lutava para implantar uma república social. Fevereiro foi para Marx, “o prólogo da revolução”

O governo improvisado pela Constituinte declarou-se como provisório no momento. “O seu caráter ganhou expressão oficial no fato de que o governo improvisado pela Constituinte declarou a si mesmo como provisório e, na mesma linha do governo, tudo o que foi motivado e dito nesse período foi apresentado como provisório” (Marx, 2011, p.32). Inclusive, dirá Marx, “todos os elementos que haviam sido preparados e definidos pela revolução, a saber, a oposição dinástica, a burguesia republicana, a pequena-burguesia democrático-republicana, o operariado social-democrata, ocuparam provisoriamente o seu lugar no governo de fevereiro” (Marx, 2001, p. 32).

E, para a burguesia, o objetivo central das Jornadas de Fevereiro seria uma reforma eleitoral, com a qual ampliasse o círculo dos privilegiados políticos dentro da classe capitalista e derrubasse o domínio exclusivo da aristocracia financeira. No entanto, a jornada de Fevereiro, tendo o proletariado

República Francesa. Marx observa a Revolução de Fevereiro como uma expressão das contradições entre as classes sociais, especialmente entre a burguesia e o proletariado. Ele compreendeu como o proletariado desempenhou um papel significativo nos eventos de Fevereiro, mas também como a burguesia acabou assumindo o controle da situação após a queda do regime monárquico.

à frente, elevou suas reivindicações quando o povo ocupou as ruas com as suas barricadas. Em meio à jornada de Fevereiro, a classe operária tinha determinado suas reivindicações a serem alcançadas.

Além disso, o proletariado lutava por mudanças sociais e econômicas, a saber: melhores condições de trabalho, salários mais altos, redução da jornada de trabalho e melhores condições de vida; e, por fim, buscava participação nas decisões política dos governos, como: direito ao voto e representação nas instituições políticas. Como afirmara Hobsbawm:

A revolução de fevereiro não tinha sido feita apenas pelo 'proletariado', mas era uma revolução social consciente. Seu objetivo não era meramente qualquer república, mas a 'república social e democrática'. Seus líderes eram socialistas e comunistas. Seu governo provisório incluiu um trabalhador genuíno – um mecânico conhecido por Albert. (HOBSBAWN, 1996, p. 37)

As demandas do proletariado, defendidas em Fevereiro, foram em sua maioria descartadas ao longo do seguinte Período devido à ascensão da burguesia ao poder. Após a Revolução de Fevereiro, a burguesia estabeleceu rapidamente o seu governo, o qual se chocava com os interesses do proletariado, e, em vez de apoiar as demandas dos trabalhadores, ela buscou consolidar seu próprio poder político.

Com o estabelecimento de seu governo, a burguesia aproveitou a oportunidade para conter e suprimir as reivindicações mais radicais dos trabalhadores, temendo uma revolução social mais profunda que pudesse desafiar a estrutura de classe existente. O novo governo serviu para reprimir ativamente os movimentos e aspirações dos trabalhadores, consolidando assim o seu poder de classe.

No início do processo revolucionário, todas as classes precisavam do proletariado para que Luís Felipe fosse deposto, uma vez que o proletariado

tinha a radicalidade necessária para pôr abaixo a monarquia. Todavia, quando se forma a Assembleia Nacional, o proletariado deixa de dirigir o processo revolucionário, dando espaço para todas as classes durante a formulação da constituição. Tal concessão foi feita visto que as demais classes garantiram resguardar as demandas e reivindicações dos trabalhadores. Contudo, nota-se que, nesse momento, o proletariado foi ludibriado, pois com a crescente influência da burguesia as reivindicações foram esquecidas. A diminuição da influência do proletariado ocorreu porque as outras classes, especialmente a burguesia, começaram a buscar seus próprios interesses e a priorizar suas próprias demandas durante o processo constituinte.

Embora inicialmente tenham prometido resguardar as reivindicações dos trabalhadores, conforme a burguesia ganhava mais influência e poder na Assembleia Nacional, as demandas proletárias foram gradualmente deixadas de lado. Isso se deve em parte ao fato de que a burguesia, ao conquistar mais poder político, passou a defender políticas e medidas que refletiam seus interesses econômicos e de classe. Assim, as prioridades da burguesia, como a proteção da propriedade privada e a busca pelo livre mercado, acabaram prevalecendo sobre as demandas do proletariado por melhores condições de trabalho, salários justos e direitos sociais. A burguesia no controle não apenas se negou a atender às demandas da classe trabalhadora, mas também agiu para reprimir ativamente seus movimentos e aspirações. Qualquer tentativa dos trabalhadores de pressionar por suas reivindicações foi frequentemente encontrada com resistência por parte das autoridades burguesas.

No cerne desse problema, podemos perceber a contradição entre consciência e o fato histórico que perpassa a classe operária. No decorrer dos acontecimentos, houve uma fragmentação da consciência dos trabalhadores. Inicialmente, os trabalhadores estavam motivados por uma consciência avançada das injustiças sociais que permeavam a França. Entretanto, à medida

que os eventos históricos se desdobravam, o movimento operário e sua consciência fragmentada entravam em contradição com a realidade concreta enfrentada pelos trabalhadores durante o Período de Fevereiro. Concretamente, o proletariado não era uma classe homogênea, e dentro da classe proletária havia trabalhadores de diferentes setores industriais, profissões e níveis de habilidade. Por exemplo, os interesses e demandas dos trabalhadores urbanos industriais eram diferentes dos trabalhadores agrícolas ou dos artesãos, e essas divisões enfraqueceram a capacidade do proletariado de se unir em uma frente unificada contra a burguesia.

Marx também destacou como as duras condições econômicas enfrentadas pelos trabalhadores muitas vezes os levavam a se concentrar em questões imediatas, como encontrar emprego e sustento para suas famílias, em vez de se envolverem em questões políticas mais amplas. Isso resultava em uma fragmentação da consciência, uma vez que os trabalhadores imersos no trabalho alienado estavam mais preocupados com suas necessidades básicas do que com a luta por mudanças sociais mais profundas. Diante disso, Marx (2007, p.38) define essa alienação como uma potência estranha, sobre a qual não sabe de onde veio para onde vai, mas possui desenvolvimento independente do querer dos homens.

Outro exemplo disso seriam as várias alianças que os trabalhadores fizeram com a pequena burguesia ou até mesmo com a burguesia liberal no perpassar dos eventos. Nota-se nisso a alienação da consciência do proletariado, dado que este, se juntando a outras classes sociais antagônicas, não compreende como estas agem contra seus interesses, levando a diversas derrotas políticas. A fragmentação e alienação da consciência dos trabalhadores é um artifício da burguesia para que o proletariado não consiga vislumbrar a possibilidade de transformação social. Nessa situação de alienação, a classe operária pode se juntar aos seus inimigos de classe, assim como apresentar diferenças internas.

Essas atitudes errôneas são condicionadas a partir da alienação do trabalhador de seu próprio trabalho e de sua consciência revolucionária.

Para exemplificar melhor essa contradição, é importante apresentar um esquema geral da França nesse Período. A situação inicial da França era de tensão entre diferentes classes com projetos antagônicos. Existe uma burguesia formada por comerciantes, industriais, profissionais liberais e grandes proprietários de terra que buscavam aumentar sua influência política e econômica. Ela desejava reformas que promovessem o livre mercado, a proteção da propriedade privada e a garantia de direitos civis e políticos que beneficiassem sua ascensão econômica.

Em contraposição, havia o proletariado composto por trabalhadores das fábricas, artesãos e camponeses sem terra que migraram para as cidades em busca de emprego, porém encontravam-se profundamente descontentes com suas condições socioeconômicas. Os trabalhadores enfrentavam longas horas de trabalho, possuíam salários baixos, más condições de vida e falta de representação política. A partir de sua situação precária, o operário começou a se organizar em sindicatos e movimentos políticos para buscar reformas sociais robustas.

Aqui há a construção de um cenário propício para a situação revolucionária que se abre na França na Revolução de Fevereiro. Como já falado, o proletariado não é uma classe uniforme em termos de interesse econômico. Essas diferenças econômicas levaram a divisões internas da classe trabalhadora em relação às suas prioridades e demandas. Além das diferenças econômicas, havia também uma variedade de perspectivas ideológicas dentro do proletariado. Alguns trabalhadores adotavam ideologias socialistas mais radicais, enquanto outros preferiam abordagens mais moderadas ou reformistas. Essas diferentes visões políticas muitas vezes resultaram em divisões políticas dentro do proletariado. Diante das divisões no interior da

classe operária, a burguesia aproveitava desse cenário para promover seus interesses e a sua consciência de classe, dificultando a possibilidade de consolidar a revolução. Tal atitude aprofunda a fragmentação da consciência do proletariado, uma vez que dentro do próprio proletariado há diferenças econômicas e ideológicas, fazendo com que a burguesia tenha maior acesso a parcelas com um nível de vida melhor e dispute a consciência de classe do proletariado.

Após a ascensão da Segunda República, o proletariado deu espaço para todas as classes sociais que participaram do movimento do Período de fevereiro- burguesia, pequena burguesia-, ter espaço no governo. Isso fez com que a burguesia controlasse todas as demandas políticas e econômicas que passassem pela Assembleia. Aqui se cria um cenário em que há um acirramento na tensão entre as classes devido a diferentes interesses econômicos, políticos e ideológicos dentro das próprias classes e entre elas. Esse momento foi fundamental para a aparição da figura de Luís Bonaparte. Marx diz que:

[...] Enquanto o proletariado parisiense ainda se comprazia na contemplação da ampla perspectiva que se lhe descortinara e se entregava a discussões bem-intencionadas sobre os problemas sociais, os velhos poderes da sociedade se reagruparam, reuniram-se, ponderaram e receberam o apoio inesperado da massa da nação, dos camponeses e pequenos burgueses, os quais se lançaram todos de uma só vez à arena política após a queda das barreiras da Monarquia de Julho. (MARX, 2011, p 33).

A divisão do próprio proletariado, assim como a tensão entre o proletariado e a burguesia, engendrou o surgimento de Bonaparte, que foi eleito presidente da Segunda República Francesa em dezembro de 1848⁴,

⁴ “Entretanto, se em dezembro de 1848 os franceses não elegeram um moderado para a nova Presidência da República, tampouco elegeram um radical. (Não havia candidato monarquista). O vencedor, por maioria esmagadora – 5,5 milhões de votos em 7,4 milhões –

principalmente devido ao apoio de camponeses e pequenos proprietários rurais, que viam em Luís Bonaparte “a máscara de Napoleão”, do primeiro Bonaparte que fez a Reforma Agrária aos camponeses. Bonaparte aproveitou-se das divisões de classe e das tensões existentes na sociedade francesa, apresentando-se como um líder capaz de restaurar a ordem e a estabilidade. Ele, durante seu governo, dissolveu a Assembleia Nacional, reprimiu violentamente as manifestações do proletariado e promulgou medidas autoritárias para consolidar seu próprio poder, culminando em seu golpe de Estado em 2 de dezembro de 1851, que estabeleceu o Segundo Império Francês com ele como imperador. É importante frisar que tais alianças feitas pelo proletariado com setores da burguesia, como na própria unidade para derrubar a monarquia, fez fortalecer a imagem de Luís Bonaparte, visto que ele aproveitou das tensões de classe entre a burguesia e o proletariado para promover seus próprios interesses em detrimento das aspirações da classe trabalhadora.

Marx diz que, após as Jornadas de Fevereiro, “não só a oposição dinástica foi surpreendida pelos republicanos e os republicanos pelos socialistas, mas toda a França por Paris” (MARX, 2011, p. 34). Quando as classes dominantes perceberam que o movimento operário estava ultrapassando o limite das reivindicações no interior da sociedade capitalista, estas classes se juntaram em um só partido, o Partido da Ordem, para sufocar o caráter revolucionário do Período.

A elevação da consciência histórica e de classe do proletariado francês: a insurreição de junho de 1848

foi Luís Napoleão, sobrinho do grande imperador.” (Hobsbawm, 1996, p.49)

Quando em setembro de 1844 Marx e Engels publicaram a *Sagrada Família* sequer imaginavam que o que escreveram neste ano teria eco quatro anos mais tarde com a Revolução de Fevereiro em Paris. Marx e Engels já esboçavam o papel histórico do proletariado a partir de sua vida real, de suas contradições enquanto classe social oprimida e explorada da seguinte maneira:

Não se trata do que este ou aquele proletário, ou até mesmo do que o proletariado inteiro pode imaginar de quando em vez como sua meta. Trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu ser. Sua meta e sua ação histórica se acham clara e irrevogavelmente predeterminadas por sua própria situação de vida e por toda a organização da sociedade burguesa atual. E nem sequer é necessário deter-se aqui e expor como grande parte do proletariado inglês e francês já está consciente de sua missão histórica e trabalha com constância no sentido de elevar essa consciência à clareza completa. (Marx, Engels, 2002, p.49)

Essa elevação da consciência de que falavam Marx e Engels veio à tona com a Revolução de Fevereiro, uma revolução feita pelo proletariado de armas na mão para colocar abaixo a monarquia dos Bourbons e se completou na Insurreição de Junho de 1848. Todas as revoluções começam por um problema objetivo que afeta a condição de vida da maioria da massa do povo, principalmente do proletariado que vive do seu trabalho. Não foi diferente com a Revolução de irrompeu em Paris em 24 de fevereiro de 1848. Braudel dirá que havia uma crise econômica patente desde 1846, depois violenta a partir de 1847, que agitou o país em profundidade.

Essa crise irá se agravando cada vez mais nos anos subsequentes, como Marx observa no 18 Brumário. Foi esse cenário de crise econômica do capitalismo que a revolução se precipitar em fevereiro. Marx chamou este primeiro período, quando o povo veio à rua e derrubou a monarquia de julho, de “prólogo” da Revolução, pois a verdadeira revolução do proletariado ainda

estava por vir. E ela veio. Quando o proletariado se deu conta de que havia sido enganado pela burguesia republicana que assumiu o poder em fevereiro tratou de se desvencilhar desses partidos e partir para uma ação independente que resultou em junho de 1848. Como escrevemos acima: “As demandas do proletariado, defendidas em Fevereiro, foram em sua maioria descartadas ao longo do seguinte Período devido à ascensão da burguesia ao poder. Após a Revolução de Fevereiro, a burguesia estabeleceu rapidamente o seu governo, o qual se chocava com os interesses do proletariado, e, em vez de apoiar as demandas dos trabalhadores, ela buscou consolidar seu próprio poder político”.

Mas, houve um fato que precipitou a insurreição de junho: o fechamento das oficinas nacionais pela Assembleia Constituinte. Segundo Santiago et al (2024, p.8),

O fechamento das oficinas nacionais que já ultrapassavam cem mil homens, e foi uma reivindicação dos operários ao governo provisório surgido de fevereiro para conter o desemprego, foi o estopim da Insurreição de junho - antes disso em 15 de maio, esses proletários já haviam dado demonstração de que não abririam mão de sua “República Social”, com a questão da Polônia. Com a derrota da insurreição de junho, o proletariado passa para o fundo da cena revolucionária e não se levantará mais durante esse período.

Por três dias, de 23 a 26 de junho de 1848, o proletariado de Paris lutou com todas as suas forças para derrubar a burguesia e implantar o seu poder. Dirigentes anônimos e pouco conhecidos desse proletariado organizaram o levante. Os líderes “socialistas” que deveriam estar à frente deste levante insurrecional viraram as costas para o proletariado. Não foi possível a vitória, e todos foram esmagados pela repressão burguesa, que pela primeira vez utilizou os métodos de guerra civil contra o povo, o proletariado.

Mesmo de longe, da Alemanha, Marx e Engels denunciaram a barbárie e o esmagamento da insurreição, de uma Paris “mergulhada em sangue”, nas páginas do Nova Gazeta Renana. Marx escrevera:

Os trabalhadores parisienses foram esmagados pela superioridade numérica, não foram abatidos por ela. Foram batidos, mas seus opositores foram vencidos. O trunfo momentâneo da força bruta foi comprado com o aniquilamento de todas as mistificações e ilusões da Revolução de fevereiro, com a decomposição de todo o velho partido republicano, com a cisão da nação francesa em duas nações, a nação dos proprietários e a nação dos trabalhadores. (Marx, 2020, p.123).

A insurreição de Paris do proletariado só será esmagada por conta de sua inferioridade numérica, dirá Engels, e isso fez toda a diferença. A vitória da burguesia, tendo à frente o general Cavaignac, só foi possível devido à superioridade numérica e aos canhões que bombardearam as barricadas nas ruas de Paris. Também no Nova Gazeta Renana Engels escrevera:

Em 24 (de junho) ele (Cavaignac) tinha à sua disposição não somente os 20 mil homens da guarnição de Paris, os 20 mil a 25 mil homens da Guarda Móvel e os 60 a 80 mil homens disponíveis da Guarda Nacional, como também a guarda Nacional de todos os arredores de Paris e de muitas cidades distantes (de 20 a 30 mil homens), e, além disso, tropas de 20 mil a 30 mil homens das guarnições adjacentes, que foram convocadas rapidamente. Na manhã de 26 (de junho) já estavam à sua disposição muito mais do que 100 mil homens, número que até o final da tarde tinha aumentado ainda em 50%. E as forças dos insurgentes eram de no máximo 40 mil a 50 mil homens (Engels, 2020, pp. 138-139).

Ao tentar colocar em evidência sua consciência histórica na insurreição de junho de 1848, no sentido mais elevado, o proletariado de Paris foi impiedosamente esmagado pela aliança formada em torno do Partido da

Ordem (aristocracia financeira, burguesia industrial, a classe média, a pequena burguesia, o exercito,o camponês, o lumpen-proletariado).

A conclusão de Marx desse desfecho trágico apontou os culpados: “Durante o mês de junho, todas as classes e todos os partidos se uniram no Partido da Ordem contra a classe proletária, considerada o partido da anarquia, do socialismo, do comunismo. Eles ‘salvaram’ a sociedade dos ‘inimigos da sociedade” (Marx, 2011, p.36).

Entretanto, como Marx e Engels elucidaram a partir do manifesto Comunista, essa consciência proletária só poderá evoluir para uma consciência revolucionária se houver uma organização operária e um programa que guie os passos do proletariado. Nesse sentido, Marx não poupou os dirigentes da Montanha e da Social-democracia, que traíram o proletariado em três ocasiões decisivas, em fevereiro, em 15 de maio e em 23 de junho de 1848.

A partir de então, segundo a narrativa de Marx, o caminho estará pavimentado para o Golpe de Estado de Luís Bonaparte, pois a burguesia esmagará tanto a Montanha como os republicanos liberais e depois decretará sua nulidade política na Assembleia Nacional, deixando o caminho livre para Luís Bonaparte dar o golpe com o apoio da massa extraparlamentar da burguesia, os industriais e latifundiários que queriam ordem na sociedade contra a agitação socialista.

Considerações Finais

A burguesia queria acabar com a monarquia para ampliar os seus privilégios, mas na Assembleia Nacional defendeu uma república burguesa com o apoio da aristocracia financeira, da burguesia industrial, da pequena-burguesia, do exército, do lumpemproletariado e Bonaparte. É relevante notar que a disputa entre as diferentes parcelas da burguesia pode influenciar na

própria disputa interna do proletariado. Isso é possível dado que as diferentes facções da burguesia muitas vezes têm interesses econômicos distintos. Por exemplo, um setor pode apoiar políticas mais liberais, enquanto outro pode defender uma posição mais conservadora.

Para além disso, essas divisões dentro da classe dominante podem se refletir nas preferências políticas e ideológicas dentro do proletariado, levando a divisões internas baseadas em alinhamentos com diferentes facções burguesas. Tais diferenças internas do proletariado são causadas pela falta de uma consciência de classe favoráveis às demandas e reivindicações de sua própria classe, o que revela uma alienação do proletariado de sua consciência de classe e da própria estrutura social. A alienação é reforçada pela própria burguesia, uma vez que ela tem a estrutura econômica e ideológica em suas mãos, além de ter o interesse de buscar obter apoio do proletariado para seus próprios interesses políticos e econômicos.

Mesmo havendo divisões em relação à revolução entre os campos burgueses, a partir do momento que a burguesia percebeu que seus interesses de classes estavam ameaçados por uma possível revolução, todos os seus se uniram na defesa da república burguesa.

Com isso, percebe-se que a consciência da classe dominante não é fragmentada como a consciência do proletariado. E isso é resultado da posição da classe burguesa na sociedade capitalista, uma vez que, sendo a detentora dos meios de produção e do domínio ideológico, ela controla os recursos e as instituições que podem ser usados para promover seus interesses de classe, contribuindo para uma maior coesão de sua consciência. Mesmo havendo frações dentro da burguesia, esta se une em momentos críticos da conjuntura, uma vez que a sua posição como detentora dos meios de produção e da ideologia pede unidade para defender seus interesses de classe, como, por exemplo, a garantia de lucro e a manutenção da sociedade capitalista. A

burguesia compreende que a unidade de sua consciência é fundamental para garantir os seus interesses de classe.

Contudo, o proletariado não possui a sua consciência una como a da burguesia, mas dispersa. O proletariado é a classe explorada da sociedade capitalista, cuja subsistência depende da venda de sua força de trabalho aos capitalistas. Tal posição na sociedade capitalista deveria fazer com que a classe proletária tivesse uma consciência unificada. No entanto, a sua própria localização dentro do capitalismo já a faz ter uma consciência fragmentada e alienada, uma vez que a própria burguesia, entendendo que a consciência é socialmente marcada e possuindo acesso aos meios de produção, dissipa a sua própria posição ideológica ao proletariado. Isso faz com que o movimento operário seja fragmentado, seja pela própria concorrência que a burguesia coloca sobre o proletariado no trabalho ou a própria alienação a que o trabalhador é submetido no capitalismo.

Na *Sagrada Família*, Marx e Engels já haviam percebido nesse movimento de alienação da consciência que tanto a burguesia como o proletariado se encontravam imersos nessa “alienação”. Entretanto, a burguesia, por tudo que vimos analisando, tira proveito próprio em sua “autoalienação”.

A classe possuinte e a classe do proletariado representam a mesma auto-alienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa auto-alienação, sabe que a alienação é seu próprio poder e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana.” (Marx. Engels, 2003, p.48).

Desse modo, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte oferece uma análise profunda sobre como a História é desenvolvida pelas contradições e interesses antagônicos da classe burguesa e proletária. Marx demonstra como os antagonismos entre essas duas classes influenciam os eventos históricos,

criando um cenário de constante interação entre forças opostas. Nesse sentido, a História é concebida como um processo dinâmico, repleto de contradições e conflitos, em que as mudanças e desenvolvimentos da História são impulsionados por tensões entre a consciência e o fato histórico.

Ao longo do texto, Marx mostra como as classes sociais estão em constante luta pelo poder e pela dominação, e como essas lutas se desdobram em eventos históricos significativos. As contradições entre as classes dominantes e as classes oprimidas, entre burguesia e o proletariado, são especialmente destacadas, mostrando como essas contradições geram movimentos revolucionários ou não revolucionários e transformações na sociedade. Essa visão dialética da História ressalta a natureza complexa e multifacetada do processo histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. **Prefácio**. In: Tocqueville, Alexis de. Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COHEN, G.A. **A Teoria da história de Karl Marx: uma defesa**. Tradução Angela Lazagna. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENGELS, Friedric. **Prefácio à 3ª Edição [de 1885]**. In: MARX, Karl. O 18 brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011.

ENGELS, F. **Detalhes sobre o 23 de junho**. In: Nova Gazeta Renana, n.26, 26/06/1848. Tradução Lívia Cotrim. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

ENGELS, F. **O 23 de junho**. In: Nova Gazeta Renana, n.28, 28/06/1848. Tradução Lívia Cotrim. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

HOBBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital, 1848-1875**. 5ª edição revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KANT, Immanuel. **Idéia De Uma História Universal De Um Ponto De Vista Cosmopolita**. Editora Brasiliense, São Paulo. 1986.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **A Revolução de Junho**. In: Nova Gazeta Renana, n.29, 29/06/1848. Tradução Lívia Cotrim. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

SANTIAGO et al. **Marx e Tocqueville: da revolução de fevereiro ao golpe de Estado de Luís Bonaparte, aproximações e contrastes no processo político francês em meados do século XIX**. Research, Society and Development, v. 13, n. 2, e10513245097, 2024 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: [10.33448/rsd-v13i2.45097](https://doi.org/10.33448/rsd-v13i2.45097)

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris**. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.